

**99**

**Gênero e Religiosidade: Duas Teorias de Gênero em  
Cosmologias e Experiências Religiosas no Brasil**

**Sônia Weidner Maluf**

**2007**

Antropologia em Primeira Mão é uma revista seriada editada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Visa à publicação de artigos, ensaios, notas de pesquisa e resenhas, inéditos ou não, de autoria preferencialmente dos professores e estudantes de pós-graduação do PPGAS.

Universidade Federal de Santa Catarina

**Reitor: Lúcio José Botelho. Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Maria Juracy Toneli. Chefe do Departamento de Antropologia: Antonella M. Imperatriz Tassinari. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Oscar Calávia Sáez. Sub-Coordenadora: Sônia Weidner Maluf.**

ISSN 1677-7174

**Editor responsável**

**Rafael José de Menezes Bastos**

Solicita-se permuta/Exchange Desired

**Comissão Editorial do PPGAS**

Carmen Sílvia Moraes Rial  
Maria Amélia Schmidt Dickie  
Oscar Calávia Sáez  
Rafael José de Menezes Bastos

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

**Conselho Editorial**

Alberto Groisman  
Aldo Litaiff  
Alicia Castells  
Ana Luiza Carvalho da Rocha  
Antonella M. Imperatriz Tassinari  
Dennis Wayne Werner  
Deise Lucy O. Montardo  
Esther Jean Langdon  
Ilka Boaventura Leite  
Maria José Reis  
Márnio Teixeira Pinto  
Miriam Hartung  
Miriam Pillar Grossi  
Neusa Bloemer  
Silvio Coelho dos Santos  
Sônia Weidner Maluf  
Theophilos Rifiotis

**Copyright**

Todos os direitos reservados. Nenhum extrato desta revista poderá ser reproduzido, armazenado ou transmitido sob qualquer forma ou meio, eletrônico, mecânico, por fotocópia, por gravação ou outro, sem a autorização por escrito da comissão editorial.

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise without the written permission of the publisher.

---

Toda correspondência deve ser dirigida à  
Comissão Editorial do PPGAS  
Departamento de Antropologia  
Centro de Filosofia e Humanas – CFH  
Universidade Federal de Santa Catarina  
88040-970, Florianópolis, SC, Brasil  
fone: (0.XX.48) 3721. 93.64 ou fone/fax (0.XX.48) 3721.9714  
e-mail: [ilha@cfh.ufsc.br](mailto:ilha@cfh.ufsc.br)  
[www.pos.ufsc.br/antropologia](http://www.pos.ufsc.br/antropologia)

Antropologia em primeira mão / Programa de Pós  
Graduação em Antropologia Social, Universidade  
Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)- .—  
Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em  
Antropologia Social, 1995 -  
v. ; 22cm

Irregular  
ISSN 1677-7174

1. Antropologia – Periódicos. I. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em  
Antropologia Social.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

*Antropologia em Primeira Mão*

2007

***Gênero e religiosidade: duas teorias de gênero  
em cosmologias e experiências religiosas no Brasil***

Sônia Weidner Maluf<sup>2</sup>

Este trabalho, inicialmente feito para apresentação oral, é um exercício ainda bastante inicial e fragmentado de comparação entre teorias de gênero em diferentes campos culturais, particularmente aqui o religioso e o acadêmico. Duas categorias estão implicadas nessa reflexão: a de religião e a de gênero. Como coloca Elizabeth Castelli, na introdução do *reader Women, gender and religion*, publicado em 2001, uma das contribuições do campo feminista e dos estudos de gênero nas ciências sociais e humanas em geral tem sido a de repensar de forma permanente suas categorias de análise – e de conseqüentemente assumir o caráter inerentemente instável dessas categorias. Gênero (enquanto categoria de análise do que se convencionava chamar diferença sexual) é um conceito relativamente recente – tem em torno de 30 anos, mas este foi um tempo suficiente para que um campo epistemológico, teórico e político se constituísse em torno dele (incluindo nesse campo as críticas ao próprio uso do conceito). Como previu a antropóloga americana Michelle Rosaldo, em um artigo publicado em 1980, o grande desafio das antropólogas feministas era justamente o de transcender o gênero e a mulher como “objetos” do estudo antropológico e avançar na radicalidade da ruptura (teórica e metodológica) que os estudos de gênero colocaram para a antropologia e para os outros campos do conhecimento. Mais do que tornar visível e buscar dados sobre as mulheres nas várias culturas, a grande questão para ela é a da falha de nossas estruturas interpretativas em dar significado sociológico a esses dados<sup>3</sup>. Especificamente em relação ao gênero, seria a tentativa de buscar explicações universais e essencializantes para a diferença, quando, ao invés de insistir em diferenças “presumivelmente dadas” entre

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT: Religião, Gênero e Sexualidade, nas XIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, de 30/9/2005 em Porto Alegre/RS.

<sup>2</sup> Do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [maluf@cfh.ufsc.br](mailto:maluf@cfh.ufsc.br).

<sup>3</sup> Rosaldo, 1995 [1980].

homens e mulheres, o certo seria “perguntar como essas diferenças são elas mesmas *criadas* por relações de gênero”. Nesse texto, Rosaldo antecipa grande parte da reflexão que viria a ser feita a partir da década de 90. Sobretudo da crítica pós-estruturalista que, na perspectiva de repensar/desmontar as estruturas da diferença, inverteu a relação entre o que durante muito tempo foi visto como o substrato ou a base da diferença (sexo e diferença sexual) e as representações em torno dela (gênero e as construções simbólicas da diferença). Para Judith Butler, numa quase tradução pós-estruturalista de Rosaldo, é o gênero (a linguagem – não a estrutura desta, mas o que esta provoca na dimensão da experiência) que constrói o sexo, inclusive na sua materialidade.

Os estudos que cruzam gênero e religião também são relativamente recentes, apesar de a tematização, dentro dos estudos de religião, de questões hoje associadas aos estudos de gênero já estar presente em estudos já clássicos dentro do campo. Um exemplo é o trabalho de Ruth Landes, que nos anos 40 apresenta uma visão bastante original das religiosidades afro-brasileiras a partir da centralidade das mulheres na vida dos terreiros.

Dentre os desafios que o cruzamento entre gênero e religião tem colocado para os dois campos de estudo estão, de um lado, a questão de que não existe uma experiência religiosa genérica, ou um *homo religiosus* genérico<sup>4</sup>; e, de outro, a questão de que raramente a religião tem sido reconhecida como uma variável relevante entre as demais, como gênero, sexualidade, raça e etnicidade, classe, nacionalidade, etc.<sup>5</sup>

Mas, apesar de recentes, os estudos de gênero e religiosidade têm já desenvolvidas diferentes abordagens temáticas: de que forma cosmologia, ritual e valores religiosos tematizam gênero e sexualidade; a relação entre hierarquia e sacerdócio feminino; os itinerários espirituais de mulheres; subjetividade e corporalidade na experiência e no ritual; religião e política, entre várias outras. Neste artigo, será priorizada a primeira abordagem, ou seja, como diferentes culturas religiosas tematizam gênero e sexualidade e apresentam distintas teorias de gênero. O foco da comparação será, de um lado, uma corrente ligada à teologia feminista, que apresenta uma teoria de gênero que, fundamentada seja em diferenças biológicas, seja em diferenças sociais, valoriza a “diferença” e a “identidade feminina”, em diálogo com o ecofeminismo e com o feminismo da diferença; de outro, os

---

<sup>4</sup> Ver Bynum, Caroline W.; Stevan Harrell & Paula Richman (1986) *apud* Castelli, 2001.

<sup>5</sup> Ver Castelli, 2001.

cultos de Xangô no Recife, que apresentariam uma concepção de gênero menos fundamentada no peso da “diferença biológica” e desvalorizando o matrimônio e a família biológica. Pretendo discutir o caráter polar dessas duas teorias e sua correspondência a vertentes teóricas também polares hoje nos estudos feministas e de gênero.

Duas dimensões comparativas se justapõem na análise que apresento. A primeira dimensão é a da comparação entre esses dois universos religiosos e suas “teorias locais” sobre gênero e sexualidade, partindo da premissa de que a produção de *teoria* não está restrita à academia<sup>6</sup>. A segunda é um exercício comparativo entre essas duas “teorias locais” e as teorias acadêmicas<sup>7</sup> no campo dos estudos feministas e de gênero. O ponto de partida dessa análise é a idéia de que diferentes vertentes teóricas acadêmicas dialogam, correspondem e estabelecem uma relação de circularidade<sup>8</sup> com o que estou chamando de “teorias locais” do gênero – especificamente aqui aquelas encontradas nos discursos religiosos. Exercício semelhante já foi empreendido por outras autoras e autores dentro da antropologia em relação a outras áreas de estudo e a outras categorias de análise, segundo a perspectiva antropológica mais abrangente de comparação entre sistemas cosmológicos “eruditos e/ou acadêmicos” ocidentais e pensamentos “locais”. Rita Segato denominou esse esforço, no caso comentando sua própria tentativa de comparar os arquétipos junguianos com as divindades do panteão afro-brasileiro, de “exegese recíproca”<sup>9</sup>. No caso dos estudos feministas e de gênero, o diálogo teórico entre a academia e o movimento social tem sido, no entanto, muito mais óbvio e freqüente do que entre pensamento acadêmico e teorias locais de gênero, pois a influência recíproca é muito mais evidente do que em outros campos.

Para comparar essas duas culturas religiosas vou utilizar centralmente dois estudos antropológicos empreendidos por Fabiola Rohden, no caso das teólogas feministas católicas, e por Rita Segato, no caso dos cultos afro-brasileiros, mais especificamente os cultos de xangô de Recife.

---

<sup>6</sup> Butler, 2004: 176.

<sup>7</sup> Que podem também ser abordadas como “teorias locais”, na medida em que correspondem a uma visão de mundo particular – no caso aquela do pensamento científico, filosófico ou pura e simplesmente de tradição acadêmica. Ver Strathern (2007) para uma discussão sobre as teorias e conceitos antropológicos como construtos culturais.

<sup>8</sup> Sobre a circularidade entre os níveis culturais e circularidade de idéias e valores, ver Ginzburg, 1987 e Bakhtin, 1987.

<sup>9</sup> Ver Rita Segato, 1995, p.40.

O artigo de Fabiola Rohden, “Feminismo no sagrado: uma reencenação romântica da diferença”<sup>10</sup>, analisa as representações de teólogas feministas católicas no Rio de Janeiro. Ao contrário da tradição feminista de ruptura em relação à Igreja, uma das novidades desse movimento é que as teólogas feministas propõem a transformação da tradição religiosa de dentro da própria Igreja, outra de suas características é sua proposta de “articulação entre pertencimento religioso e a consciência de uma identidade feminina” (p. 97).

A experiência inicialmente localizada no trabalho de base das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) junto aos movimentos populares foi a fonte para a elaboração de um projeto feminista teológico mais abrangente. Esse projeto, de um lado, incorpora a experiência de base e, de outro, introduz, numa arena tradicionalmente masculina, a reflexão e a elaboração teológica, as mulheres como sujeito e objeto de reflexão (p.97). Os pontos centrais desse projeto são: dar visibilidade às mulheres da Igreja; construir uma “nova hermenêutica”, relendo os textos bíblicos do ponto de vista das mulheres; introduzir um princípio feminino na noção de Deus e da Santíssima Trindade (incluindo a valorização de Maria como mediadora entre Deus e os homens); evidenciar o igualitarismo (inclusive de gênero) de Jesus; questionar a patriarcalização e a misoginia na Igreja. O foco central dessa política é a valorização da singularidade do feminino como sendo mais próximo da vida e da natureza, da mulher como mais próxima a Deus e da diferença entre o feminino (emoção e intuição; singularidade e diferença) em oposição ao masculino (razão, universalismo e igualdade). A política da diferença em oposição à política da igualdade própria ao feminismo dos anos 70. E seu pressuposto epistemológico de funda é a associação entre sexo (biológico) e gênero.

Rohden encontrou como modelo descritivo e interpretativo desse feminismo teológico católico o romantismo alemão do século XIX, cuja permanência ou retorno em pleno século XX seria uma “reação romântica” à ideologia individualista moderna, reação típica de situações de cristalização do individualismo em estruturas tradicionalmente hierárquicas. Seria próprio do romantismo alemão a valorização da singularidade (em oposição ao universalismo), da emoção e da intuição (em oposição ao racionalismo) e da diferença (em oposição à igualdade). O modelo interpretativo é a teoria da hierarquia de Louis Dumont e suas reflexões sobre o individualismo moderno.

---

<sup>10</sup> Rohden, 1996.



Eu gostaria de mencionar, no entanto, duas dimensões no discurso teológico feminista não exploradas por Rohden. A primeira é que, ao reivindicar espaço para reflexão teológica feminista, as mulheres como sujeitos dessa reflexão e da própria elaboração de uma hermenêutica feminista da Bíblia e de outros textos do cânone católico, essas teólogas se colocam no campo da luta pela igualdade e pelo acesso das mulheres a um terreno tradicionalmente masculino, o da reflexão teórica. A segunda dimensão é que, no fundo de todo o discurso da diferença de gênero, percebe-se uma dicotomia fundadora tanto do discurso iluminista do século XVIII quanto da maior parte das teorias sociais que predominaram durante os séculos XIX e XX: a dicotomia entre Natureza e Cultura e suas transformações metafóricas, entre elas a de Feminino e Masculino. Michelle Rosaldo faz uma crítica interessante ao fato de que no questionamento funcionalista, e posteriormente estruturalista, ao evolucionismo vitoriano do século XIX uma esfera do discurso vitoriano permaneceu intocada pelos teóricos “modernos”, a do doméstico (e do feminino) como reduto impermeável à cultura, onde as regras de convivência e de relacionamento seriam baseadas nos laços “naturais” da relação com a mãe. Ou seja, se por um lado é possível concordar com Rohden de que o “conteúdo” do discurso teológico feminista é próximo e/ou reproduz o romantismo alemão do século XIX, por outro, seu modelo de base reproduz o modelo central das teorias sociais do século XX e seu pensamento dicotômico. Por outro lado, a associação entre sexo e gênero empreendida pelas teólogas feministas deságua em uma concepção que Rohden define como essencialista do gênero, na medida em que é a “experiência feminina” (biológica e social – a mulher como geradora da vida) que define a singularidade e a essência de “ser mulher”. Para as teólogas feministas, é o fato de ser mulher que define a experiência religiosa. Como veremos a seguir, para os cultos de xangô (e para outros cultos afro-brasileiros) se dá o inverso: é a experiência religiosa que define e redefine o feminino.

Rita Segato, em “Inventando a natureza: família, sexo e gênero no Xangô de Recife”, identifica dois projetos anti-hegemônicos no Xangô de Recife: liberar as categorias de parentesco, personalidade, gênero e sexualidade de determinações biológicas; e remover a instituição do matrimônio da posição central que ela tem na estrutura social. Para chegar a essa conclusão, ela analisou, de um lado, o mundo dos orixás e como eles e as relações entre eles são descritos e, de outro, a forma como se estruturam as relações

familiares e de parentesco nas populações em torno dos terreiros e nas populações negras e de baixa renda. Ela analisa:

1) Como os orixás e as relações entre eles são descritos e utilizados para descrever atributos femininos e masculinos como separados tanto da noção de personalidade quanto da noção de homem e mulher (ou seja, separa sexo e gênero). É na esfera mítica e ritual que as diferenças de gênero são mais marcadas. Os orixás constituem “estereótipos de gênero” (p.425), os masculinos descritos como autônomos e os femininos como mais dependentes. Mas esses estereótipos estão disponíveis aos filhos-de-santo independentemente do sexo anatômico e da expressão sexual destes últimos (p. 427). Além disso, as atividades rituais são executadas de acordo com o sexo (há uma divisão sexual do trabalho ritual) – os homens sacrificam animais, fazem as incisões na pele etc; as mulheres preparam a comida, cuidam das pessoas em possessão etc (p. 442 e 443). Existem também interdições rituais para as mulheres menstruadas. Para Segato, essa “ênfase do ritual” no sexo biológico se opõe à “falta de uma divisão sexual do trabalho na família do santo como unidade social” (p. 443). Patrícia Birman percebe, no candomblé do Rio de Janeiro, uma configuração um pouco diferente das relações de gênero. Ela descreve como o pólo feminino acaba sendo a dimensão englobante dessas relações, sendo possessão “o operador da distinção entre os gêneros” (p. 81), através do que ela identifica como uma exclusão masculina da possessão. No entanto, mesmo onde a diferença é marcada, ela não reproduz o que é, para Birman, o valor cristão de ligar o feminino ao sexo anatômico da mulher (e à maternidade) (p.94). A diferença de gênero, definida a partir das noções de autonomia e dependência, é, nos cultos de Xangô, uma referência simbólica, representada no plano mítico e sem relação direta com o sexo anatômico dos praticantes.

2) A predominância da família matrifocal e consanguínea nos terreiros e entre as populações negras e de baixa renda (incluindo a negação mítica e social do matrimônio: negação representada tanto pela incompatibilidade dos casais míticos quanto pela fragilidade das relações conjugais em relação à família maior).

3) A predominância da bissexualidade (tanto dos orixás quanto dos filhos-de-santo), também observada por outros autores. No caso das mulheres, não há termos que marquem uma “identidade” da pessoa por suas práticas ou inclinações sexuais ou que

marquem uma oposição entre hetero e homossexualidade. Ao contrário dos homens, cuja preferência sexual é expressa em termos identitários.

4) A relativização biológica do Xangô: embora continuem utilizando as categorias polares de gênero (que são descritas como um *continuum*), sua concepção de sexualidade e de gênero é definida por Segato como não-essencialista. É negado o fundamento natural como base dos relacionamentos e do modelo de família, como base das categorias de gênero e como base da relação materna – que no xangô se fundamenta nas noções de mãe-de-santo e de mãe de criação, e não de mãe biológica. Ou seja, para Segato, as concepções de gênero e de sexualidade no Xangô estariam baseadas no nomadismo do desejo e das identidades.

A autora, porém, não explora em sua análise a dimensão em que a diferença sexual torna-se relevante no Xangô, mesmo que reduzida a sua expressão mítica e ritual, porém reconhecendo um modelo de diferença de gênero.

Em sua leitura das teólogas feministas, Fabíola Rohden contrapôs o feminismo da diferença (predominante em seus discursos) ao feminismo da igualdade, justapondo a essa oposição o modelo dumontiano que opõe hierarquia e igualdade, ou holismo e individualismo. Segato interpreta os cultos de xangô a partir de outro modelo interpretativo: o que opõe essencialismo (biológico) e construcionismo (social ou cultural) – na medida em que as diferenças de gênero são pensadas em um plano místico – ou metafísico – menos como polares e mais como um *continuum* e descoladas do sexo biológico. Comparando as duas culturas religiosas, podemos concluir com as autoras que uma está mais próxima da visão classificada como essencialista da diferença de gênero e outra de uma visão considerada não-essencialista ou construcionista. Indo mais além, que uma, ao basear sua abordagem da diferença e da singularidade femininas em um modelo que opõe natureza e cultura, se aproxima da vertente funcional-estruturalista do gênero (pensado a partir de dualidades irreduzíveis e intransponíveis), e onde é o sexo (natureza) que constrói ou dá substrato para o gênero (cultura); enquanto a outra se aproxima da abordagem teórica pós-estruturalista, em que as dicotomias são relativizadas, em que sexualidade e gênero são vistos como categorias instáveis, relacionais e que escapam aos

determinismos biológicos, e onde é o gênero que constrói o sexo ou a diferença sexual<sup>11</sup>. Esse é um debate que se tornou central nos estudos de gênero e que configura teorias distintas da diferença. As posições extremas que representam essas duas teorias são, de um lado, o projeto feminista de transcendência do gênero como algo relevante na definição dos sujeitos e de suas relações e, de outro, a defesa da diferença sexual e da afirmação da “identidade feminina” como projeto feminista. No entanto, se assim como na descrição das teorias locais percebe-se que os valores e categorias conceituais não se expressam de forma pura (as teólogas feministas atuando em uma esfera de reconhecimento mais próxima do feminismo da igualdade, a mítica e o ritual do Xangô apontando para a oposição entre qualidades ligadas ao feminino e ao masculino) também nas teorias acadêmicas os modelos que sintetizam as oposições divergentes merecem uma relativização dentro de um quadro conceitual e interpretativo mais complexo e flexível.

Não há espaço nesta breve reflexão para entrar mais detalhadamente na versão acadêmica dessa polêmica, mas penso que é uma característica do campo acadêmico que o embate teórico se dê de forma não apenas polar como agonística, e onde uma determinada teoria só faz sentido em oposição à sua contrária. Para Butler (2004), é a “resistência ao desejo de resolver esse dissenso em unidade que precisamente mantém o movimento vivo” (p.175).

Voltando ao campo da religião, ou, mais especificamente, aos estudos de religião, gostaria de fazer referência a uma polêmica entre duas outras pesquisadoras, vinculadas a culturas religiosas diferentes – que ilustra mais uma vez a circularidade das teorias, não apenas como modelos explicativos ou interpretativos, mas também como expressão de valores culturais.

A coletânea citada na introdução deste artigo, *Women, gender and religion: a reader*<sup>12</sup>, organizada por Elizabeth A. Castelli e publicada em 2001, inicia com uma troca de artigos entre a feminista judaica Miriam Peskowitz e Carol Christ, adepta de cultos contemporâneos à deusa na Grécia, em torno do uso da metáfora do “tecer” nos estudos feministas da religião. Peskowitz, no artigo que foi inicialmente apresentado no Encontro Anual da Academia Americana de Religião, em 1994, em um painel celebrando os dez anos do *Journal of Feminist Studies of Religion*, faz uma crítica ao uso dessa metáfora - que

---

<sup>11</sup> Ver Rosaldo, 1995 [1980]; Laqueur, 1992; Butler, 1990;

<sup>12</sup> Castelli, 1994.

para ela tornou-se central em muitos estudos feministas da religião<sup>13</sup>. Vou fazer um breve resumo dos argumentos de ambas nos quatro artigos trocados e tentar mostrar como a polêmica em torno da metáfora do “tecer” sintetiza essas duas posições polares nas teorias feministas acadêmicas e nas teorias de gênero presentes em cosmologias e experiências religiosas particulares. Peskowitz argumenta que o uso da metáfora do “tecer” e da “tecelã” no discurso feminista para representar agência e atividade femininas mascara algumas questões críticas em relação a como essa imagem foi associada às mulheres. Segundo ela, um termo que foi “generalizado” como feminino foi “reavaliado como um termo feminista para celebrar a diferença feminina e o processo feminista” (p.30), sem que no entanto as complexidades e contradições ligadas a esse termo fossem levadas em consideração. Para aprofundar seu argumento ela remete à figura mítica a quem essa metáfora sempre foi relacionada – Penélope (uma espécie de quintessência do feminino na cultura ocidental). Traçando uma genealogia das aparições de Penélope na literatura romana e cristã pós-romana, ela identifica uma série de qualidades ligadas a essa personagem, cuja atividade central é a de tecer: ela representa a castidade das mulheres das altas classes romanas, ela é o ícone da esposa devotada, em algumas narrativas ela denuncia os homens que desviaram para a feminilidade. Penélope e a atividade de tecer marcariam as práticas e fronteiras da feminilidade normativa e do desejo sexual e, ao mesmo tempo, protegeriam as distinções culturais de gênero e de sexualidade.<sup>14</sup> Para concluir seu primeiro artigo, Peskowitz alerta para o risco de as feministas utilizarem metáforas sem levar em consideração as condições de poder em que elas foram criadas. Reagindo a esse artigo, Carol Christ argumenta que o uso negativo de uma imagem na “tradição literária androcêntrica” não poderia servir como “a última palavra para as feministas”.<sup>15</sup> Ela traça uma genealogia do uso da metáfora do “tecer” no trabalho feminista na religião, afirmando que o primeiro uso dessa imagem aconteceu não no judaísmo feminista ou na teologia cristã, mas nos cultos da Deusa. Para ela, reconhecer essa imagem é uma forma de reconectar as mulheres com a sua “herança feminina” – representada por suas mães e avós – fora da qual as mulheres estariam fadadas, como Atenas, a serem geradas da cabeça do pai. Todo o argumento de Christ está baseado nessa

---

<sup>13</sup> Peskowitz, 1994a.

<sup>14</sup> Peskowitz, 1994a: 31.

<sup>15</sup> Christ, 1994a: 34.

defesa de uma linhagem feminina e no resgate do que as mulheres nossas antepassadas fizeram – sendo a tecelagem a imagem central da atividade, da arte e da criatividade femininas. Em sua tréplica, Peskowitz argumenta contra a idéia de uma “continuidade fundamental” entre as mulheres, que muitas vezes está por trás do uso de certas imagens para representar um feminino universal ou “de essência”. Ela contesta a existência de conexões universais entre as mulheres, de uma essência feminina e a expectativa de construir um feminismo baseado em “nostalgias”<sup>16</sup>. Para ela, se metáforas como o “tecer” ou o “fiar” têm algum significado como uma identidade feminista para as mulheres, é porque “fomos formadas numa cultura masculinista”.<sup>17</sup> E conclui questionando a tradição cristã-paulina de pensar a mulher como alegoria e de separar a vida espiritual das condições materiais de sua produção. Carol Christ, em sua segunda resposta, busca reafirmar a importância de reescrever a história resgatando a experiência feminina e o que foi apagado pela narrativa masculina. Ela pergunta se não deveríamos lamentar o fato de que museus não expõem colchas. Para ela, afirmar a metáfora do “tecer” não é afirmar uma essência feminina, mas recuperar e fazer alusão à história, a uma história que não teria sido valorizada no discurso do “*malestream*”<sup>18</sup>.

A polêmica descrita, apesar de localizada neste caso no campo dos estudos de gênero e religião, representa um debate mais amplo e o conflito de interpretações no interior dos estudos de gênero e das teorias feministas.

No embate específico entre Miriam Peskowitz e Carol Christ, dois campos se cruzam, o campo dos estudos e da reflexão religiosa e espiritual e o campo feminista. Cosmologias religiosas se cruzam com teorias de gênero, com cultura política e com o imaginário político feminista. Se a descrição de duas cosmologias religiosas brasileiras indica uma correspondência entre teorias “locais” do gênero e teorias acadêmicas, o embate específico descrito acima condensa essa dupla implicação. Podemos pensar essa dupla implicação em termos de uma “disseminação” do pensamento acadêmico e político entre as culturas populares, e nelas entre as culturas religiosas. Podemos pensá-la, ao contrário, em termos de como o pensamento acadêmico se constrói (se justifica e se apóia) a partir de uma leitura e de uma sofisticação do pensamento local. Mas talvez seja mais

---

<sup>16</sup> Peskowitz, 1994b: 42.

<sup>17</sup> Idem: 43.

<sup>18</sup> Corruptela de *mainstream*.

interessante pensar, numa perspectiva bakhtianiana, na circularidade dos níveis culturais, e em como o pensamento acadêmico e erudito e as culturas populares, inclusive as religiosas (em suas dimensões eruditas e populares) se interpenetram, se influenciam mutuamente, construindo uma “rede”, ou “redes” bem mais complexas do que os tradicionais “campos” separados com que religião e academia foram pensados nas ciências sociais durante muito tempo.

Usando ou não metáforas, criando ou não imagens que representem ou traduzam a crítica feminista, se for para usar a metáfora do “tecer”, talvez o mais interessante para o campo dos estudos feministas e de gênero seja a imagem do “destecer” – das práticas, das experiências e, sobretudo, dos conceitos e categorias que historicamente foram utilizados para descrever essa complexa trama que são as relações, as ideologias, os valores e as teorias do gênero e da diferença.

### ***Referências bibliográficas***

- Bakhtin, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, São Paulo: Hicitec/Ed. UnB, 1987.
- Birman, Patrícia. *Fazer estilos, criando gêneros. Possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Relume Dumará/EdUFRJ, 1995.
- Butler, Judith. *Gender Trouble*, London & NY: Routledge, 1990.
- Butler, Judith. *Undoing Gender*, London & NY: Routledge, 2004.
- Castelli, Elisabeth A. (ed.). *Women, gender and religion: a reader*. New Yourk: Palgrave, 2001.
- Castelli, Elisabeth A. Women, gender Religion: Troubling Categories and Tranforming Knowledge. In Castelli, Elisabeth A. (ed.). *Women, gender and religion: a reader*. New Yourk: Palgrave, 2001, 3-25.
- Christ, Carol P. Weavingthe Fabric of Our Lives. In Castelli, Elisabeth A. (ed.). *Women, gender and religion: a reader*. New Yourk: Palgrave, 2001, 34-39.
- Christ, Carol P. Reweaving. In Castelli, Elisabeth A. (ed.). *Women, gender and religion: a reader*. New Yourk: Palgrave, 2001, 46-48.
- Ginzburg, Carlo. O queijo e os vermes. *O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- Laqueur, Thomas.

- Peskowitz, Miriam. What's in a Name? Exploring the Dimensions of What "Feminist Studies in Religion" Means. In Castelli, Elisabeth A. (ed.). *Women, gender and religion: a reader*. New York: Palgrave, 2001, 29-33.
- Peskowitz, Miriam. Unweaving: a Response to Carol P. Christ. In Castelli, Elisabeth A. (ed.). *Women, gender and religion: a reader*. New York: Palgrave, 2001, 40-45.
- Rohden, Fabíola. Feminismo do sagrado: uma reencenação romântica da diferença. *Revista Estudos Feministas*, vol. 4, n.1, 1996: 96-117.
- Rosaldo, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 1, n. 1, 1995, 11-36.
- Segato, Rita. Inventando a natureza: família, sexo e gênero no Xangô de Recife. In Segato, Rita, *Santos e daimones*, Brasília: Editora da UnB, 1995, 419-465.



**Títulos publicados**

1. MENEZES BASTOS, Rafael José de. A Origem do Samba como Invenção do Brasil: Sobre o "Feitio de Oracão " de Vadico e Noel Rosa (Por que as Canções Têm Musica?), 1995.
2. MENEZES BASTOS, Rafael José de & MENEZES BASTOS, Hermenegildo José de. A Festa da Jaguatirica: Primeiro e Sétimo Cantos - Introdução, Transcrições, Traduções e Comentários, 1995.
3. WERNER, Dennis. Policiais Militares Frente aos Meninos de Rua, 1995.
4. WERNER, Dennis. A Ecologia Cultural de Julian Steward e seus desdobramentos, 1995.
5. GROSSI, Miriam Pillar. Mapeamento de Grupos e Instituições de Mulheres/de Gênero/Feministas no Brasil, 1995.
6. GROSSI, Miriam Pillar. Gênero, Violência e Sofrimento - Coletânea, Segunda Edição 1995.
7. RIAL, Carmen Sílvia. Os Charmes dos Fast-Foods e a Globalização Cultural, 1995.
8. RIAL, Carmen Sílvia. Japonês Está para TV Assim como Mulato para Cerveja: Imagens da Publicidade no Brasil, 1995.
9. LAGROU, Elsje Maria. Compulsão Visual: Desenhos e Imagens nas Culturas da Amazônia Ocidental, 1995.
10. SANTOS, Sílvia Coelho dos. Lideranças Indígenas e Indigenismo Oficial no Sul do Brasil, 1996.
11. LANGDON, Esther Jean. Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia 1996.
12. LANGDON, Esther Jean. A Doença como Experiência: A Construção da Doença e seu Desafio para a Prática Médica, 1996.
13. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Antropologia como Crítica Cultural e como Crítica a Esta: Dois Momentos Extremos de Exercício da Ética Antropológica (Entre Índios e Ilhéus), 1996.
14. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Musicalidade e Ambientalismo: Ensaio sobre o Encontro Raoni-Sting, 1996.
15. WERNER, Dennis. Laços Sociais e Bem Estar entre Prostitutas Femininas e Travestis em Florianópolis, 1996.
16. WERNER, Dennis. Ausência de Figuras Paternas e Delinquência, 1996.
17. RIAL, Carmen Sílvia. Rumores sobre Alimentos: O Caso dos Fast-Foods, 1996.
18. SÁEZ, Oscar Calavia. Historiadores Selvagens: Algumas Reflexões sobre História e Etnologia, 1996.
19. RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da Violência: Diferença e Positividade, 1997.
20. HAVERROTH, Moacir. Etnobotânica: Uma Revisão Teórica. 1997.
21. PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Música Instrumental Brasileira e Fricção de Musicalidades, 1997
22. BARCELOS NETO, Aristóteles. De Etnografias e Coleções Museológicas. Hipóteses sobre o Grafismo Xinguano, 1997
23. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. O Milenarismo Mucker Revisitado, 1998
24. GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade, 1998m
25. SÁEZ, Oscar Calavia. Campo Religioso e Grupos Indígenas no Brasil, 1998
26. GROSSI, Miriam Pillar. Direitos Humanos, Feminismo e Lutas contra a Impunidade. 1998
27. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Ritual, História e Política no Alto-Xingu: Observação a partir dos Kamayurá e da Festa da Jaguatirica (Yawari), 1998
28. GROSSI, Miriam Pillar. Feministas Históricas e Novas Feministas no Brasil, 1998.
29. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Músicas Latino-Americanas, Hoje: Musicalidade e Novas Fronteiras, 1998.
30. RIFIOTIS, Theophilos. Violência e Cultura no Projeto de René Girard, 1998.
31. HELM, Cecília Maria Vieira. Os Indígenas da Bacia do Rio Tibagi e os Projetos Hidrelétricos, 1998.
32. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Apuap World Hearing: A Note on the Kamayurá Phono-Auditory System and on the Anthropological Concept of Culture, 1998.
33. SÁEZ, Oscar Calavia. À procura do Ritual. As Festas Yaminawa no Alto Rio Acre, 1998.
34. MENEZES BASTOS, Rafael José de & PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo: Sopros da Amazônia: Ensaio-Resenha sobre as Músicas das Sociedades Tupi-Guarani, 1999.
35. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Milenarismo em Contexto Significativo: os Mucker como Sujeitos, 1999.
36. PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Flautas e Trompetes Sagrados do Noroeste Amazônico: Sobre a Música do Jurupari, 1999.
37. LANGDON, Esther Jean. Saúde, Saberes e Ética – Três Conferências sobre Antropologia da Saúde, 1999.

38. CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. Vida Cotidiana sob a Lente do Pesquisador: O valor Heurístico da Imagem, 1999.
39. TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Os povos Indígenas do Oiapoque: Produção de Diferenças em Contexto Interétnico e de Políticas Públicas, 1999.
40. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part I), 2000.
41. LANGDON, Esther Jean. Saúde e Povos Indígenas: Os Desafios na Virada do Século, 2000.
42. RIAL, Carmen Silvia & GROSSI, Miriam Pillar. Vivendo em Paris: Velhos e Pequenos Espaços numa Metrópole, 2000.
43. TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Missões Jesuíticas na Região do Rio Oiapoque, 2000.
44. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Authenticity and Divertissement: Phonography, American Ethnomusicology and the Market of Ethnic Music in the United States of America, 2001.
45. RIFIOTIS, Theophilos. Les Médias et les Violences: Points de Repères sur la "Réception", 2001.
46. GROSSI, Miriam Pillar e RIAL, Carmen Silvia. Urban Fear in Brazil: From the Favelas to the Truman Show, 2001.
47. CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. O Estudo do Espaço na Perspectiva Interdisciplinar, 2001.
48. RIAL, Carmen Silvia. 1. Contatos Fotográficos. 2. Manezinho, de ofensa a troféu, 2001.
49. RIAL, Carmen Silvia. Racial and Ethnic Stereotypes in Brazilian Advertising. 2001
50. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part II), 2002.
51. RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço. Questões Teórico-Metodológicas sobre Pesquisa de Campo e Modelos de Sociabilidade, 2002.
52. MENEZES BASTOS, Rafael José de. O índio na Música Brasileira: Recordando Quinhentos anos de esquecimento, 2002
53. GROISMAN, Alberto. O Lúdico e o Cósmico: Rito e Pensamento entre Daimistas Holandeses, 2002
54. MELLO, Maria Ignez Cruz. Arte e Encontros Interétnicos: A Aldeia Wauja e o Planeta, 2003.
55. SÁEZ, Oscar Calavia. Religião e Restos Humanos. Cristianismo, Corporalidade e Violência, 2003.
56. SÁEZ, Oscar Calavia. Un Balance Provisional del Multiculturalismo Brasileño. Los Indios de las Tierras Bajas en el Siglo XXI, 2003.
57. RIAL, Carmen Silvia. Brasil: Primeiros Escritos sobre Comida e Identidade, 2003.
58. RIFIOTIS, Theophilos. As Delegacias Especiais de Proteção à Mulher no Brasil e a «Judicialização» dos Conflitos Conjugais, 2003.
59. MENEZES BASTOS, Rafael José. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part III), 2003.
60. REIS, Maria José; CATULLO, María Rosa & CASTELLS, Alicia Norma González de. Ruptura e Continuidade com o Passado: Bens Patrimoniais e Turismo em duas Cidades Relocalizadas, 2003.
61. MÁXIMO, Maria Elisa. Sociabilidade no "Ciberespaço": Uma Análise da Dinâmica de Interação na Lista Eletrônica de Discussão "Cibercultura", 2003.
62. TEIXEIRA PINTO, Márnio. Artes de Ver, Modos de Ser, Formas de Dar: Xamanismo e Moralidade entre os Arara (Caribe, Brasil), 2003.
63. DICKIE, Maria Amélia Schmidt, org. Etnografando Pentecostais: Três Casos para Reflexão, 2003.
64. RIAL, Carmen Silvia. Guerra de Imagens: o 11 de Setembro na Mídia, 2003.
65. COELHO, Luís Fernando Hering. Por uma Antropologia da Música Arara (Caribe): Aspectos Estruturais das Melodias Vocais, 2004.
66. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Les Batutas in Paris, 1922: An Anthropology of (In) discreet Brightness, 2004.
67. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Etnomusicologia no Brasil: Algumas Tendências Hoje, 2004.
68. SÁEZ, Oscar Calavia. Mapas Carnales: El Territorio y la Sociedad Yaminawa, 2004.
69. APGAUA, Renata. Rastros do outro: notas sobre um mal-entendido, 2004.
70. GONÇALVES, Cláudia Pereira. Política, Cultura e Etnicidade: Indagações sobre Encontros Intersocietários, 2004.
71. MENEZES BASTOS, Rafael José de. "Cargo anti-cult" no Alto Xingu: Consciência Política e Legítima Defesa Étnica, 2004.
72. SÁEZ, Oscar Calavia. Indios, territorio y nación en Brasil. 2004.
73. GROISMAN, Alberto. Trajetos, Fronteiras e Reparações. 2004.
74. RIAL, Carmen Silvia. Estudos de Mídia: Breve Panorama das Teorias de Comunicação. 2004.
75. GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. 2004.

76. MENEZES BASTOS, Rafael José de. O Pensamento Musical de Claude Lévi-Strauss: Notas de Aula. 2005.
77. OLIVEIRA, Allan de Paula. Se Tônico e Tinoco fossem Bororo: Da Natureza da Dupla Caipira. 2005.
78. SILVA, Rita de Cácia Oenning. A Performance da Cultura: Identidade, Cultura e Política num Tempo de Globalização. 2005.
79. RIAL, Carmen Sílvia. De Acarajés e Hamburgers e Alguns Comentários ao Texto 'Por uma Antropologia da Alimentação' de Vivaldo da Costa Lima. 2005.
80. SÁEZ, Oscar Calavia. La barca que Sube y la Barca que Baja. Sobre el Encuentro de Tradiciones Médicas. 2005.
81. MALUF, Sônia Weidner. Criação de Si e Reinvenção do Mundo: Pessoa e Cosmologia nas Novas Culturas Espirituais no Sul do Brasil. 2005.
82. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Uma Antropologia em Perspectiva: 20 Anos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.
83. GODIO, Matias. As Conseqüências da Visão: Notas para uma Sócio-Montagem Etnográfica. 2006.
84. COELHO, Luis Fernando Hering. Sobre as Duplas Sujeito/Objeto e Sincronia/Diacronia na Antropologia: Esboço para um Percurso Subterrâneo. 2006.
85. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Arte, Percepção e Conhecimento - O 'Ver', o 'Ouvir' e o 'Complexo das Flautas Sagradas' nas Terras Baixas da América do Sul. 2006.
86. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Música nas Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte (Primeira Parte). 2006.
87. RIAL, Carmen Sílvia. Jogadores Brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém... 2006.
88. SÁEZ, Oscar Calavia. Na Biblioteca: Micro-ensaios sobre literatura e antropologia. 2006.
89. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Música nas Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte (Segunda Parte). 2006.
90. TEIXEIRA PINTO, Márnio. Sociabilidade, Moral e Coisas Afins: Modelos Sociológicos e Realidade Ameríndia. 2006.
91. TEIXEIRA PINTO, Márnio. Disfarce Ritual e Sociabilidade Humana entre os Arara. (Karib, Pará), 2006.
92. LANGDON, Esther Jean. Shamans and Shamanisms: Reflections on Anthropological Dilemmas of Modernity. 2006.
93. GROISMAN, Alberto. Interloquções e Interlocutores no Campo da Saúde: Considerações sobre Noções, Prescrições e Estatutos. 2007.
94. LANGDON, Esther Jean. Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. 2007.
95. LANGDON, Esther Jean. The Symbolic Efficacy of Rituals: From Ritual to Performance. 2007.
96. MENEZES BASTOS, Rafael José de. As Contribuições da Música Popular Brasileira às Músicas Populares do Mundo: Diálogos Transatlânticos Brasil/Europa/África (Primeira Parte). 2007.
97. LANGDON, Esther Jean. Rito como Conceito Chave para a Compreensão de Processos Sociais. 2007.
98. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Religious Experience and Culture: Testing Possibilities. 2007.
99. MALUF, Sonia Weidner. Gênero e Religiosidade: Duas Teorias de Gênero em Cosmologias e Experiências Religiosas no Brasil. 2007.

***ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO***  
**é uma publicação do Programa de**  
**Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC**

**Correspondência para aquisição ou intercâmbio**

**PPGAS/CFH/UFSC**

**Florianópolis/SC - CEP 88.040-970**

**Fone/Fax: 48-3721.9714**

**Emails: [antropos@cfh.ufsc.br](mailto:antropos@cfh.ufsc.br)**

**[ilha@cfh.ufsc.br](mailto:ilha@cfh.ufsc.br)**